

Era uma vez um homem que nascera para sábio. Ora, às vezes, tal facto aborrecia-o muito. Sempre com o nariz enfiado em livros velhos, sempre a escrevinhar relatórios para enviar aos outros sábios que moravam longe — naquele tempo não havia telefone —, sempre a pensar e a repensar, a fazer contas, a espreitar para os céus e para os caldeirões, que coisa! Então não tinha direito a descansar?

Parou e foi abrir uma janela. O sol — se bem que fosse um sol inglês, estava cheio de força naquele dia — entrou por ali dentro, todo entusiasmado, porque era muito raro permitirem-lhe fazer uma visita àquele laboratório. Com a pressa, tropeçou contra um prisma de vidro e desfez-se nas suas sete cores. Surgiu um arco-íris na parede.

O sábio percebeu tudo o que se passara e ficou ainda mais aborrecido:

— Pronto! Agora estraguei o mistério que havia no Arco-Íris do céu! Não passa de um espectro da luz solar que se refrata nas gotinhas de água. Acabaram-se as histórias sobre as panelas de ouro escondidas no lugar em que ele toca na terra. Ninguém mais verá nele a túnica de Íris, mensageira dos deuses, nem o sinal da paz entre Jeová e os homens. Mas que grande chatice!

Para desanuviar, foi dar um passeiozinho. Mas, como estava pouco habituado a andar, depressa se cansou. Sentou-se à sombra de uma macieira. E vai, caiu-lhe um fruto em cima da cabeça. Estava a saboreá-lo com delícia quando gritou de novo:

— Que chatice!

Descobrira, ali mesmo, as leis da gravidade.



AMARELINHO OU O GANHO DOS SENTIDOS

Amarelinho — splash — não tinha forma. Nem mesmo a forma de uma gema de ovo quando — ai! — se espalha desastradamente pelo chão da cozinha. A cor de Amarelinho também era qualquer coisa de muito variável. De quase branco na penugem de um patinho a quase, quase cor de uma laranja, uma cor que deixava de ser sua. Certas pessoas dizem: «Eu sou gorda», e os amigos replicam: «Tu és magra.» E não se sabe bem como elas são. Ao menos, têm forma de pessoas. Amarelinho — splash — não tinha forma.

Quando queria falar, Amarelinho não sabia onde estava a sua boca. Ia para tatear a cara com as mãos, mas — oops! — onde se achavam mãos e cara? Os pensamentos agitavam-se lá dentro, as palavras formavam-se e batiam pelo lado interior, para saírem. Mas ou não existia mesmo boca ou as palavras não conseguiam acertar. Amarelinho nunca ultrapassava o estado de mudez. Mexer, mexia-se. Esticava-se daqui, e dali, e de além, um pouco ao modo de um cãozinho dentro de água. Se se parecia com alguma coisa era com uma estrela-do-mar, mas uma estrela sem elegância, com as pontas achatadas.

Havia um lado positivo naquele facto de Amarelinho não comunicar: as pessoas cruéis não lhe diziam que quase ninguém gosta do amarelo. A Natureza, pelo contrário, faz questão de

amarelar a maior parte das suas flores, desde as chamadas rosas-chá, tão nobres, até ao trevo bravo das campinas. A Natureza pega em Amarelinho, espreme-o como um limão sobre... os limões! Sobre as giestas; sobre os periquitos; sobre certos cabelos de crianças; sobre... Ora, sobre o que mais vos ocorrer. Espreme-o e ele deixa cair a sua cor, que varia de grau conforme aquilo que Amarelinho sente. Às vezes medo, o que lhe dá um tom esverdeado, outras vezes leveza, e as suas gotas cintilam devagar como besouros, outras vezes aquele espremer provoca cócegas e Amarelinho, contorcendo-se, pinta tudo por onde passa com um tom tão vivo que as pessoas comentam: — Que exagero!

E voltam costas porque o brilho das mimosas ou dos campos de trigo as enervou.

Estava uma vez Amarelinho na marquise — uma marquise de azulejos cor de canário — e, como sempre, muito aborrecido. Imaginem o que é ser pouco mais do que uma mancha e não poder conversar, nem ouvir histórias, nem jogar na *PlayStation*, nem correr. Nem ver, pois não podia abrir os olhos nem tinha sequer olhos para abrir.

Então: ele estava na marquise e aborrecia-se. Mas de repente, de repente, gostava eu de dizer, se me deixassem, passou no ar uma adorável maciez. Por uma espécie de compensação, Amarelinho tinha a pele muito sensível. Já falámos das cócegas. Mas tudo o que por ele passava lhe deixava uma impressão qualquer. Encolhia com o frio, estendia-se ao calor, fazia uma conchinha com o corpo para conservar os pólenes que o vento ia largando — os pólenes amarelos cuja cor Amarelinho não reconhecia, mas que eram muito fofos e atraíam pequenos pés com jeito para a massagem.

Pés amarelos, claro!, dirão vocês. Não, não: pés pretos. Das abelhas amarelas.

